



O PINTOR E A CIDADE 1956

Realização, argumento, sequência, fotografia, montagem e produção: Manoel de Oliveira
Música: Padre Luís Rodrigues. Coro misto e madrigalistas, com motivos escolhidos por Rebelo Bonito. Colaboração do Orfeão do Porto, sob a direção do maestro Virgílio Pereira
Som: Alfredo Pimentel e Joaquim Amaral / Gravuras do Século XIX e pinturas do pintor António Cruz
Laboratórios: Tobis Portuguesa
Cópia: 35mm, cor
Duração: 27 minutos
Distribuição: Doperfilme
Estreia: São Luís (Lisboa), 27 de novembro de 1956.

PARA UM CINEMA NOVO: OBRIGADO, MANOEL DE OLIVEIRA

Eu perguntava sempre, a quem podia sabe-lo, notícias de *O Pintor e a Cidade*, como se fosse uma coisa muito importante para todos nós. Manuel de Oliveira (e por gentileza da gerência do cinema S. Jorge) deu-me a possibilidade, faz quatro dias, de conhecer pessoalmente a sua última obra. Escrevo estas linhas com a mesma emoção com que lhe agradei ao fim dessa inesquecível meia hora e escrevo-as talvez contra a sua vontade e porque me pareceu urgente dar um testemunho, mesmo apressado, do muito que ela significou para mim.

O Pintor e a Cidade é uma média-metragem, em Agfacolor tratada em Portugal e fotogra-



fada pelo próprio autor. Na montagem sonora: alterna-se música coral religiosa e profana com ruídos da cidade e as imagens constituem uma evocação do Porto à medida que os olhos de um pintor lhe vão descobrindo a riqueza; na sequência cinematográfica: o contraponto da cidade com gravuras do século XIX e as aguarelas do pintor António Cruz; metragem: 800 metros; produção: do autor; exibição em Veneza, com as melhores impressões da melhor crítica internacional; destino entre nós: *incerto* (cf. a nossa regulamentação de "protecção" do documentarismo, o receio dos exibidores em aceitar filmes "artísticos", a sintomática frieza das entidades a quem compete elevar o nível do nosso Cinema e para quem Manuel de Oliveira só conta quando precisamos de nos fazer representar no estrangeiro...), esta a *ficha* do filme.

A cidade do *pintor* é ainda a mesma da faina fluvial do Douro: uma cidade dos homens. É certo que revelada de modo diferente: o *Douro, Faina Fluvial* (1931) era visto a preto e branco e agora tivemos na frente uma sinfonia de cor; no *Douro* era apenas o rio o centro da acção e agora é todo o Porto: o monumental e o proibido, o do Barredo e o da arquitectura moderna, o religioso e o profano, o do trabalho e o do descanso, o da alegria e o da morte. Mas o ritmo permanece, sendo de todo este mundo a espinha dorsal: mais do que a estrutura, a alma.

O *Douro* fê-lo Manuel de Oliveira no clima do cinema poético europeu dos últimos anos do mudo (a que chamam *experimental*, como se não tivesse toda a arte que ser experimental...) e desde então a noção de ritmo cinematográfico sofreu

uma importante transformação: o nascimento do sonoro desdobrou, entretanto, a montagem; a cor torna-a mais complexa; a profundidade das imagens tornou-a mais volumétrica e harmónica, o realismo cinematográfico, criticando os platicismos, enraizou mais profundamente nas coisas a poesia das imagens.

Pois bem: um quarto de século depois do *Douro, O Pintor e a Cidade* é o nosso primeiro filme sonoro, o nosso primeiro filme a cores, o nosso primeiro filme em que a montagem é verdadeiramente uma síntese de todos os recursos da criação cinematográfica. (Sem precisarmos de menosprezar todas as tentativas honestas que tem havido nestes anos no nosso cinema e a que temos aliás feito referência).

Manuel de Oliveira é um homem para quem a poesia é um ritmo arrancado às cores, ao Mundo - é cidade. E o pintor é na realidade ele - um homem de olhos abertos para a realidade, sôfrego de obter a harmonia dos seus ambientes, sentido da existência dos seus habitantes através dos pincéis, ou sejam, as objetivas de uma câmara.

Plano após plano há um espaço, uma vida, que se vai construindo, um ritmo que nasce, que estrutura as pequenas peças de realidade que cada imagem contém. Mas o Manuel de Oliveira de agora surge como um cineasta mais contemplativo; cineasta que, vindo dos tempos da *avant-garde* [e ao contacto da *Berlin - Die Sinfonie der Großstadt* (A Sinfonia de Uma Capital, 1927), de Ruttmann] se deixou penetrar, ao longo destes anos, pela *contemplação* das coisas, deixando-as mover-se no espaço dos planos, sem as forçar por uma composição *estática* de pintor ou uma cadência de planos superficialmente *musical*. O cinema de *O Pintor e a Cidade* é um cinema de maturidade.

Um comboio surge à boca de um túnel, e marcha até que o seu fumo branco enche totalmente o *écran*. A câmara sobe pela Sé acima e só pára contra o Céu cruzado de pombos que

são manchas brancas desfocadas esvoaçando no azul; olha da ponte o rio - o Douro barrento e viscoso - e é de repente uma barraca cor de laranja intenso que o sulca lateralmente, na diagonal; uma rua estreita do Barredo abre-se sobre um grande espaço da cidade; um longo plano espera que um caranguejo faça meia volta em torno da chaminé vermelha e aponte para a Foz; o mesmo caranguejo atravessa outro plano, mais depressa; na imagem seguinte, da barra, já não há senão ondas. Aos homens que cruzam as ruas em sentidos opostos por entre os sons cosmopolitas (esse coral do nosso século que se mistura aos madrigais antigos) sucedem-se os operários que saem das suas barracas para o trabalho quotidiano: é um longo e inesquecível plano em que no contraluz da manhã nascente dois homens se dão lume e avançam juntos, deixando para trás as mulheres com os filhos nos braços. O Porto do passado, o Porto do presente, o Porto que se projeta no futuro; tudo contemplado com os mesmos olhos.

Manuel de Oliveira disse-me que nas imagens deste filme quisera "deixar suceder". E foi isso mesmo que senti: deixar suceder a vida, deixar a realidade vir à tona com os seus ritmos, o seu imprevisito, até a sua anarquia; e perscrutar um ritmo mais vasto, mais profundo, qualquer coisa que se liberta numa respiração única, da cor, dos volumes, dos ruídos, dos movimentos mais quotidianos das gentes. *O Pintor e a Cidade* fez-me lembrar muito o Renoir do *The River* (O Rio Sagrado, 1951): talvez pela comum, rítmica, transpiração de uma grande ternura pela realidade, uma contemplação calma da vida dos homens, uma grande e simples humildade diante da criação.

Nuno Portas
(in *Diário de Lisboa*, 27 de novembro de 1956, p. 7, 13).



Fotogramas do filme *O Pintor e a Cidade* (1956) de Manoel de Oliveira